

Edgar Alandia

Edgar Alandia

Nasci em Oruro (Bolívia), em 12 de agosto de 1950, tendo passado minha primeira infância na cidade de La Paz, onde meu pai trabalhava no projeto e na realização da reforma agrária do país. As lembranças dessa época me remetem a uma situação particular de enfermidade, que me debilitava e me obrigava a dias de cama, a ter que estar dentro de casa, sentindo-me particularmente frágil e só, em contraste com a natural alegria das crianças da minha idade. Foi nesse período que, havendo aprendido a ler muito cedo, graças à intuição de meus pais, pude desenvolver minha fantasia lendo livros (e não revistas) e imaginando personagens das fábulas de La Fontaine, Grimm, Andersen, etc.

Entre 1955 e 1956, regressamos a Oruro, cidade, situada no altiplano boliviano (3.706 metros acima do nível do mar), na qual comecei a frequentar o Colegio Anglo-Americano, uma escola onde podiam estudar as crianças pertencentes à classe média do país.

No início, sofri muito pela incapacidade de me relacionar com meus companheiros, já que não havia desenvolvido esse costume quando mais novo. Foi então, aos oito anos de idade, que descobri a música, tocando acordeon. Devo dizer que, de todos os modos, meu ouvido estava acostumado à música e estava “bem-educado”, já que meu pai, Orlando Alandia Pantoja, costumava trabalhar em casa ouvindo música desde Mozart até Stravinsky, de modo que meu instinto “musical” estava já presente quando comecei a tocar acordeon de ouvido e com certa facilidade e êxito. Esse feito deu sentido à minha existência

junto a meus colegas de escola, pois despertou simetricamente admiração e antipatia, projetando-me ao que é o mundo real e à dinâmica que nos acompanha por toda a vida.

Depois de um tempo, comecei o estudo de música (piano) com bons resultados, mas com péssimas relações com o mundo dos professores, que me expulsaram da escola de música por “cometer” o delito de compor. Vale a pena deixar claro que minha preguiça crônica me levou a compor música porque estudá-la era mais cansativo. Posteriormente, e de forma paralela ao desenvolvimento escolar, estudei música em uma instituição privada, com grande êxito. Tive inclusive uma apresentação pública em uma universidade, um recital em que toquei não só pequenas obras clássicas para piano, como também minhas próprias composições.

Terminados os estudos na escola regular aos 18 anos, decidi, com inconsciência e atrevimento, que queria estudar para ser compositor. A decisão, recebida com deboche por meus colegas de classe, foi felizmente levada a sério por meus pais, que me deram seu total apoio, enviando-me a estudar no Conservatório Santa Cecilia, em Roma. Minha pobre mãe, Celia Cañipa de Alandia, sofreu muito com esse distanciamento, pressentindo que jamais regressaria ao país.

Os anos de estudo em Santa Cecilia foram duros, porque minha preparação acadêmica na Bolívia fora deficiente. Minha professora de composição, Irma Ravinale, foi de fundamental importância, sobretudo por haver intuído minha preguiça crônica, impondo-me um regime de estudo que me obrigou a render ao máximo de minhas possibilidades. Terminei os cursos de Composição e Regência de Orquestra em 1977 e 1981, respectivamente.

Nesse ínterim, casei-me com uma italiana, Aura Bruni, que não tem muito que ver com música (ela é doutora em Língua e Literatura Espanhola e Francesa), mas que teve a paciência de me suportar e de me apoiar nos momentos de dificuldade.

No ano de 1978, obtive meu primeiro contrato profissional de trabalho, no Teatro da Ópera de Bruxelas (La Monnaie), para trabalhar como pianista e consultor musical do Ballet du Xxe Siècle de Maurice Béjart, com quem forjei uma discreta amizade, mas com quem, sobretudo, aprendi muitíssimo sobre como funciona um grande espetáculo teatral. Nessa temporada de trabalho,

tive, além disso, a sorte de conhecer países como Japão, a URSS e muitos outros, enriquecendo notavelmente minha experiência humana.

Voltei à Itália, no ano de 1978, com a determinação de converter-me em compositor profissional. Escrevi uma obra para clarineta e orquestra, *Pampa*, que ganhou o primeiro prêmio no Concurso Internacional de Composição “Valentino Bucchi”. Esse concurso abriu para mim importantes portas profissionais: a edição Ricordi e a estreia da obra no Teatro Comunale di Bologna.

Entre 1979 e 1981, fui aluno de Franco Donatoni, com quem tive uma péssima relação, mas que me foi muito útil, porque me obrigou a reconsiderar todo o meu trabalho desde um ponto de vista crítico. Nesses momentos, foi precioso o apoio do grande mestre italiano Goffredo Petrassi, que sempre me estimulou a seguir adiante.

A partir de então, minha atividade como compositor se encaminhou favoravelmente e, até o dia de hoje, procede em um passo lento, porque considero importante dedicar o tempo necessário a cada obra sem o afã de estar sempre presente nos festivais ou temporadas de concertos, onde, frequentemente e de alguma maneira, termino estando igualmente.

Vale a pena mencionar alguns excelentes músicos que, com sua arte e experiência, contribuíram para meu desenvolvimento artístico e profissional: Giancarlo Schiaffini, Michiko Hirayama, Jesús Villa-Rojo e os outros membros do Gruppo Strumentale “Nuove Forme Sonore” de Roma, com o qual fizemos música durante mais de vinte anos.

Paralelamente, trabalhei como professor de composição em vários conservatórios italianos, entre os quais posso citar: “Gioacchino Rossini” de Pesaro, “Santa Cecilia” de Roma e, atualmente, o Conservatório “Francesco Morlacchi” de Perugia, além de várias instituições na Europa e América, nas quais ministrei master classes e seminários de composição.